

UMA RELEITURA DOS VIAJANTES EUROPEUS: NEM TUDO ERA DECADÊNCIA EM GOIÁS NO SÉCULO XIX

A REINTERPRETATION OF EUROPEAN TRAVELERS: NOT EVERYTHING WAS DECADENCE IN GOIÁS IN THE NINETEENTH CENTURY

Maria de Fátima Oliveira¹

Endereço: Universidade Estadual de Goiás/Campus Anápolis de
Ciências Socioeconômicas e Humanas.
Av. Juscelino Kubitschek, 146, Jundiá, Anápolis, GO.
E-mail: proffatima@hotmail.com

Resumo: O presente artigo busca fazer uma releitura dos relatos dos viajantes europeus que visitaram a Província de Goiás na primeira metade do século XIX, visando desconstruir a imagem comumente aceita, que atribui prioritariamente a eles a disseminação da ideia de decadência da província. Embora os seus relatos sejam, de modo geral, vistos como preconceituosos e carregados de uma visão eurocêntrica, podemos demonstrar que nem tudo que eles retrataram sobre a região e moradores se refletia em atraso e decadência.

Palavras-chave: Goiás no Século XIX; Viajantes europeus; Decadência.

Abstract: This article aims to reread and reinterpret the reports of the European travelers who visited the Province of Goiás in the first half of the 19th Century, in order to deconstruct the commonly accepted idea that it was them who have disseminated the idea of a decadent province. Although their narratives are generally seen as prejudiced and full of a Eurocentric vision, we can demonstrate that not everything they have portrayed about the region and its residents meant backwardness and decadence.

Keywords: Goiás in the 19th Century; European travelers; Decadence.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Docente do Programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista do Programa de Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (BIP)/UEG.

Introdução

A História da ocupação do território goiano² por povos não autóctones está intimamente ligada ao descobrimento e exploração aurífera na região conhecida como Minas dos Goyazes, algumas décadas após o início da exploração das jazidas de Minas Gerais (1690) e poucos anos após a descoberta do ouro de Mato Grosso (1719). Isso ocorre quando a Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera filho) se faz vitoriosa (por volta de 1725), após mais de três anos perambulando pelos sertões do Planalto Central.

Com a descoberta do metal precioso nesta região, deflagrou-se o fenômeno denominado de *corrida do ouro*, descrito como um fenômeno histórico próprio de zonas mineratórias, que possuíam enorme dinamismo, onde “Populações inteiras acorrem, sugadas por essa área ciclônica, dando lugar, em pequeno lapso de tempo, a modificações profundas em todos os aspectos de desenvolvimento nacional”³. Devido a esse dinamismo de intenso movimento e euforia, retratados pelo fenômeno acima citado, o século XVIII entra na história de Goiás como o século do fausto, da riqueza, do esplendor e da opulência, contrastando com o XIX, rotulado como o século da pobreza, da miséria, do atraso, e principalmente da decadência.

Dentre os pesquisadores que se dedicaram ao estudo do século XIX em Goiás, Luís Palacin é comumente lembrado como o historiador que, tendo utilizado como fonte de pesquisa os relatos dos viajantes europeus, teria contribuído para reforçar o estigma da decadência, ao contrário de Paulo Bertran⁴ e Nasr Fayad Chaul⁵, que possibilitaram a desconstrução de tal conceito, mostrando que na verdade, a sociedade goiana esteve mais viva e vigorosa no período pós-mineração do que as interpretações indicavam. Apesar de Palacin (1994) utilizar indiscriminadamente o termo decadência em sua obra, na verdade, o autor de *O Século do Ouro em Goiás* já problematizava e desconfiava de tal conceito, como demonstrado no excerto abaixo:

De forma alguma podemos representar a decadência de Goiás como uma transição brusca de uma situação brilhante de prosperidade para uma ruína opaca. Pohl, que mal tolerava as contínuas lamúrias dos habitantes de Goiás sobre a tristeza de sua situação presente e os desmedidos exageros sobre a riqueza dos tempos idos, chega a assegurar que não acreditava nem na pintura da grandeza passada, nem no conceito de

2 A região que compreendia o território goiano no século XVIII não é a mesma dos limites do atual estado de Goiás, tendo ele perdido desde o século XIX, grandes extensões para Minas Gerais e Mato Grosso, além do Distrito Federal e de toda a área referente à criação do estado do Tocantins em 1988. Assim, “Ao longo de sua história, Goiás perdeu cerca de 258.000 km²”. GOMES, Horieste; TEIXEIRA NETO, Antônio. Geografia Goiás-Tocantins. Goiânia: UFG, 1993, p. 59.

3 PALACIN, Luis. O Século do Ouro em Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. Goiânia: UCG, 1994, p. 13.

4 BERTRAN, Paulo. História da Terra e do Homem no Planalto Central. Brasília: Solo, 1994.

5 CHAUL, Nasr F. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

decadência; para ele, as diferenças, meramente quantitativas, não constituíam um marco diferenciativo⁶.

Desse modo, mesmo que Luís Palacin tenha seguido a trilha dos viajantes europeus, ele já conseguia perceber, em certos momentos, que esses viajantes, embora imbuídos de uma visão de progresso, descreviam não só suas impressões, mas que em seus relatos prevalecia muito do que os próprios moradores lhes transmitiam. Palacin concluía que “o conceito de decadência não pode aplicar-se a Goiás senão parcialmente”⁷.

Sabemos que esses cientistas, oriundos de uma realidade europeia, cujos valores e visão de mundo eram impregnados das concepções iluministas de progresso e apoiados pela ideia de que a alavanca da civilização era a ciência, não foram capazes de se isentarem de suas condições de portadores do germe civilizador. Assim, para o pesquisador, seria no mínimo imprudente proceder à leitura desses relatos vendo-os como imparciais, mas seus relatos, mesmo que impregnados desses valores, tornam-se imprescindíveis para uma melhor compreensão desse importante período da História.

A maioria dos pesquisadores que se dedicou ao estudo da temática se deteve prioritariamente nos aspectos negativos de suas narrativas sobre os cenários naturais e sociais, as dificuldades de transporte, a parca economia, a modesta cultura material e imaterial, e sobre as inúmeras carências do cotidiano dos moradores das terras goianas. Outros estudiosos analisaram as narrativas dos viajantes europeus do século XIX sob perspectivas e abordagens diversas, como por exemplo, sua visão sobre a natureza e vias de comunicação⁸, sobre a condição da mulher goiana⁹, e um estudo comparativo da narrativa desses viajantes e de missionários sobre a Província de Goiás¹⁰.

Embora suas memórias sobre a província de Goiás no século XIX sejam repletas de juízo de valor e prevaleçam os termos negativos sobre aos meios de comunicação, a economia e a população, uma leitura mais atenta possibilita encontrar também muitos exemplos positivos e laudatórios, como os que serão relacionados e analisados a seguir. Tomamos como exemplos para esta análise, dois naturalistas europeus que percorreram o território goiano entre os anos de 1818 e 1820: o francês August de Saint Hilaire e o austríaco Johann Emmanuel Pohl.

6 PALACIN, Luis. O Século do Ouro em Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. Op. cit., p. 136.

7 PALACIN, Luis. O Século do Ouro em Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. Op. Cit., p. 137.

8 SOUZA Fabíula Sevilha de. Natureza, ocupação territorial e vias de comunicação de Goiás nos relatos de viajantes do século XIX. Revista Brasileira de História da Ciência 5(1), 2012, 50-59.

9 MATEUS Jeferson Carvalho; SILVA Sílvia Martins de Assis. A visão dos primeiros viajantes europeus sobre a mulher goiana no século XIX. In: Trilhos 12(1), 2015, 38-44.

10 GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Olhares estrangeiros sobre Goiás: do viajante ao missionário na produção da alteridade sobre o Sertão Goiano. In: Caminhos 13(1), 2015, 66-83.

Por esse Sertão adentro: entre o encantamento com a natureza, o estranhamento dos costumes e as agruras das viagens

O naturalista francês Auguste de Saint Hilaire nasceu em 1779 e faleceu em 1853. Antes de sua vinda para o Brasil (em 1816), o viajante, que pertencia a uma família tradicional de naturalistas, dedicou-se aos estudos de botânica, tornando-se professor no Jardim do Rei, escola que foi transformada mais tarde no Museu de História Natural de Paris.¹¹ Saint Hilaire permaneceu no Brasil de 1816 a 1822 e percorreu diversas regiões do Brasil. Além da Província de Goiás, o viajante francês visitou também o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e a Cisplatina. Em Goiás, Saint Hilaire priorizou o sul da província, entrando em 1819 pela divisa com Minas Gerais, passando pelos Arraiais de Santa Luzia (Luziânia), Corumbá, Meia Ponte (Pirenópolis), Jaraguá e Vila Boa (Cidade de Goiás). A partir daí, o viajante faz várias incursões aos arredores desta vila, visitando os povos indígenas e segue em direção ao Arraial de Bonfim (Silvânia), Caldas Novas e Santa Cruz, retornando em direção a Minas Gerais e São Paulo. À época, o viajante contava com 40 anos de idade.

Já o médico e naturalista austríaco Johann Emmauel Pohl, nascido em 1782 e falecido em 1834, veio para o Brasil em 1817 e permaneceu até 1821. Durante sua estada no país, seu trajeto foi menor que o do francês, tendo percorrido apenas as províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. Entretanto, na província goiana, além das localidades visitadas posteriormente por Saint Hilaire, Pohl fez um percurso mais extenso e mais demorado¹². O roteiro de entrada e saída foi também pela província de Minas Gerais, mas ele foi até a região norte, que equivale hoje ao estado do Tocantins, chegando até o arraial de Porto Real (hoje cidade de Porto Nacional) nas margens do rio Tocantins. Bertran¹³ afirma que provavelmente a vida de Pohl tenha sido abreviada em decorrência de febres adquiridas em suas viagens. Ele faleceu com apenas 52 anos, bem mais cedo que Saint Hilaire, que atingiu os 74 anos.

Importante destacar que esses viajantes vivenciaram muitas agruras e privações pelo interior do Brasil, como dificuldade de encontrar guias dispostos a acompanhá-los nas longas jornadas, diferenças climáticas, constantes desvios das rotas por engano, pousos com pouco ou nenhum conforto, na maioria das vezes, fuga dos animais e perda de cargas valiosas, além de tristes notícias vindas de além-mar, como os óbitos de entes queridos na Europa. Enquanto faziam suas viagens pela Província de Goiás, faleceram

11 DOLES, Dalísia E. M.; NUNES, Heliane P. Memória da Ocupação de Goiás na Primeira Metade do Século XIX: a visão dos viajantes europeus. In: Ciências Humanas em Revista. Goiânia: UFG, 1992.

12 CORRÊA Margarida Maria da Silva. Naturalistas e Viajantes Estrangeiros em Goiás (1800-1850). In: CHAUL, Nars Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Orgs.). Goiás: identidade, paisagem e tradição. Ed. UCG, Goiânia, 2001. p. 75-121.

13 BERTRAN, Paulo. História da Terra e do Homem no Planalto Central. Op. cit., p. 200.

uma irmã de Saint Hilaire e o pai de Pohl.

Como proposto acima, buscamos nesta análise nos ater mais às diversas referências positivas encontradas ao longo das anotações de viagem dos dois relatos, contrastando com a maioria dos pesquisadores que, ao utilizarem esta fonte em suas investigações focam prioritariamente nos aspectos negativos, o que dá a impressão de que esses viajantes ou não viram aspectos positivos referentes à província de Goiás, ou se os viram, não os descreveram.

Vejamos, por exemplo, o quanto Saint Hilaire dedica-se a elogiar o arraial de Meia Ponte. As antigas Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte foram descobertas em 1730 e a fundação de Meia Ponte em 1731, pelo português Manoel Rodrigues Tomar¹⁴.

O encantador arraial de Meia-Ponte é ao mesmo tempo sede de um julgado e de uma paróquia. Situado a 15° 30' de latitude S., numa região de grande salubridade, na inserção das estradas do Rio de Janeiro, Bahia, Mato Grosso e São Paulo, distante de Vila Boa no máximo 27 léguas e rodeado de terras extraordinariamente férteis, o arraial era um dos mais bem aquinhoados da província e o de maior população¹⁵.

Esta localização privilegiada do arraial de Meia Ponte, o favorecia muito e fez com que até se cogitasse em transferir a sede administrativa de Vila Boa (Cidade de Goiás) para aquela cidade. Mas essa transferência não se efetivou provavelmente esbarrando no fator econômico, pois demandaria muito gasto para a construção de novos edifícios públicos, o que a metrópole não estava disposta a fazer. A questão da localização, clima e salubridade de do Arraial de Meia Ponte sempre foram elementos ressaltados por diversos viajantes, e isso o colocava em situação de maior prestígio em relação à antiga capital da província e aos outros arraiais. Assim, percebe-se que Saint Hilaire foi bastante generoso ao descrevê-lo, se compararmos seus elogios à Meia Ponte com suas observações relativas a outros locais visitados, como bem mostra o trecho abaixo.

O arraial foi construído numa pequena planície rodeada de montanhas e coberta de árvores de pequeno porte. Estende-se ao longo da margem esquerda do Rio das Almas, numa encosta suave, e defronta o prolongamento dos Montes Pireneus. Tem praticamente o formato de um quadrado e conta com mais de trezentas casas, todas muito limpas, caprichosamente caiadas, cobertas de telhas e bastante altas para a região. Cada uma delas, conforme o uso em todos os arraiais do interior, tem um quintal onde se veem bananeiras, laranjeiras e cafeeiros plantados

14 BERTRAN, Paulo. História da Terra e do Homem no Planalto Central. Op. cit., p. 76-77.

15 SAINT HILAIRE, August de. Viagem à Província de Goiás. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: USP, 1975, p. 36.

desordenadamente. As ruas são largas, perfeitamente retas e com calçadas dos dois lados. Cinco igrejas contribuem para enfeitar o arraial. A igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, é bastante ampla e fica localizada numa praça quadrangular. Suas paredes, feitas de adobe, tem 12 palmos de espessura e são assentadas sobre alicerces de pedra. [...]. Da praça onde fica situada esta igreja descortina-se um panorama que talvez seja o mais bonito que já me foi dado apreciar em minhas viagens pelo interior do Brasil¹⁶.

Ainda sobre o arraial de Meia Ponte, o viajante francês reitera que o clima parecia muito salubre e que os moradores tinham o saudável hábito de se banharem regularmente no rio das Almas. Nesse e em outros pontos de seu relato aparece novamente uma nítida diferença em sua opinião ao contrapor o arraial de Meia Ponte com Vila Boa, a sede administrativa da Província de Goiás, em que o autor era enfático quanto à insalubridade do último, demonstrando sempre seu favoritismo à Meia Ponte.

Nessa releitura dos escritos dos viajantes, em contradição às críticas comuns à situação da província e aos goianos na época, encontramos também outra declaração relevante feita por Saint Hilaire por ocasião de sua passagem pelo Arraial de Jaraguá.

Não é unicamente a igreja de Jaraguá que demonstra o bom gosto e a habilidade dos goianos. Vi em Santa Luzia e em Meia Ponte móveis e pratarias muito bem trabalhados, que haviam sido feitos na província. E vários quadros com desenhos de flores, que ornavam as paredes da sala do vigário de Meia Ponte, teriam sido abonados por nossos melhores desenhistas de História Natural. Esses quadros tinham sido feitos por um homem que jamais se afastara de Vila Boa¹⁷.

Era um costume dos viajantes em suas jornadas pelo interior, portarem cartas de recomendações de pessoas influentes para lhes garantirem boa acolhida nos povoados e arraiais por onde passavam. Em lugares mais ermos, porém, o imprevisto imperava e eles contavam apenas com a boa vontade dos moradores dos ranchos onde pernoitavam. Por ocasião da passagem de Saint Hilaire pelo Engenho São Joaquim, ele havia recebido uma dessas cartas do governador da província endereçada a Joaquim Alves de Oliveira, proprietário desse famoso Engenho, onde se localiza atualmente a sede da Fazenda Babilônia¹⁸. De acordo com a historiadora Lena C. B. F. Costa¹⁹, o núcleo inicial da propriedade denominada Engenho de São Joaquim, possuía em 1800 uma área de aproximadamente 57.717 ha ou o equivalente a 11.925 alqueires goianos.

16 SAINT HILAIRE, August de. Viagem à Província de Goiás. Op. cit., p. 36.

17 SAINT HILAIRE, August de. Viagem à Província de Goiás. Op. cit., p. 44.

18 Construída em fins do século XVIII com mão de obra escrava, a Fazenda Babilônia possui grande valor histórico, como bem imóvel tombado em 1965 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inscrita no Livro de Belas Artes, nº480, de 26/04/1965.

19 COSTA, Lena C. B. F. Arraial e Coronel: dois estudos de História Social. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 51. Cf. Livro de Registros de Terras em virtude do Decreto n. 1.318 de 30 de janeiro de 1854, que manda executar a Lei 601 de 18 de setembro de 1850. Registro n. 68, fls. 71 a 73. S.A.P.G.E. V. Anexo IV.

Seu proprietário, o goiano Joaquim Alves de Oliveira²⁰, além de dedicar-se ao cultivo de mandioca, algodão e criação de gado, conseguiu considerável fortuna por meio do comércio, o que representava quase 20 vezes a receita de Goiás na ocasião em que Pohl passou pela província (1818/1819).

Figura 1: Fazenda Babilônia - Antigo Engenho São Joaquim



Fonte: <<http://www.fazendababilonia.com.br/galerias/galeria?id=4>>

De todo o relato do viajante francês, publicado no livro *Viagem à Província de Goiás*, este é o mais positivo e enaltecido sobre a localidade ou sobre seu proprietário. As palavras de Saint Hilaire são repletas de elogios sobre todos os aspectos, ressaltando as inúmeras qualidades quanto ao sistema produtivo, ao tratamento dispensado aos escravos, ao caráter do dono do estabelecimento, e principalmente à perfeita acolhida que tivera. Segundo ele, “Tratava-se, inegavelmente, da mais bela propriedade que havia em toda a região de Goiás que eu tinha percorrido. Reinavam ali uma limpeza e uma ordem que eu ainda não vira em nenhuma outra parte”²¹.

Na sequência de seu relato não há nenhum tipo de reprovação sobre a propriedade e proprietário, chegando a afirmar que, de todos os brasileiros que havia conhecido, ele era o que mais aversão tinha à ociosidade, “... por ocasião de minha

²⁰ Joaquim Alves de Oliveira nasceu em 18 de agosto de 1770 em Pilar de Goiás, foi para o Rio de Janeiro e lá se iniciou nas atividades do comércio. Após conseguir certa quantia em dinheiro, retornou para Goiás, onde adquiriu bens, inclusive a afamada fazenda citada pelos viajantes estrangeiros.

²¹ SAINT HILAIRE, August de. *Viagem à Província de Goiás*. Op. cit., p. 98.

passagem por ali, ele [Joaquim Alves de Oliveira] tinha acabado de enviar o genro a Cuiabá com uma numerosa tropa carregada de mercadorias variadas”. Importante lembrar que esse foi o período em que a Província de Goiás vivenciava a tão propalada “decadência”, mas, a partir dessas informações, ao contrário, o que se pode depreender de sua narrativa é que nessa aparente decadência, encontravam-se muitas fazendas produtivas e os tropeiros ainda percorriam o território das minas, embora em menor quantidade e com menor frequência. Desse modo, é possível afirmar que havia sim, outras atividades que não se baseavam unicamente na exploração de metais preciosos: a criação de gado tinha se expandido e alguns produtos agrícolas ganhavam importância econômica na exportação, como é o caso dos produtos da mandioca, da cana de açúcar e o algodão, largamente cultivados na província.

Figura 2: Detalhe dos alicerces de pedras da casa que conjugava moradia, capela e engenho da Fazenda Babilônia



Fonte: <<http://www.fazendababilonia.com.br/galerias/galeria?id=4>>

Outro aspecto que chamou a atenção do viajante francês foi quanto à inovação no método usado pelo proprietário do Engenho São Joaquim ao trabalhar a terra, pois,

Numa parte de suas terras o comandante de Meia-Ponte tinha deixado de

lado o método primitivo adotado geralmente pelos brasileiros em suas lavouras. Passara a usar o arado e adubava a terra com o bagaço da cana. Dessa forma não havia necessidade de queimar novas matas todo ano²².

O relato elogioso tem sequência no que se refere à capacidade de organização, gerenciamento e também ao tino comercial de Joaquim Alves de Oliveira, quando o autor mostra que o sucesso da fazenda se devia muito à dinamicidade do proprietário do Engenho São Joaquim.

A cana era replantada sempre no mesmo terreno, que ficava situado perto da casa para facilitar a supervisão do dono e poupar tempo aos escravos. O açúcar e a cachaça eram vendidos em Meia-Ponte e Vila Boa, mas o algodão era exportado para o Rio de Janeiro e Bahia. Joaquim Alves foi o primeiro, como já disse, a demonstrar a vantagem dessas exportações, e seu exemplo foi seguido por vários outros colonos. Por ocasião de minha viagem [1819] ele estava planejando aumentar ainda mais suas plantações de algodão e tinha a intenção de instalar no próprio arraial de Meia-Ponte uma descaroadora, bem como uma fiação onde pretendia empregar as mulheres e as crianças sem trabalho²³.

Uma observação encontrada tanto nos relatos de Saint Hilaire como nos de outros viajantes refere-se à constante reclamação dos moradores sobre a situação de penúria em que se encontravam. A descrição de seus diálogos com os moradores são marcados por observações dessa natureza, como mostra o seguinte fragmento citado por Saint Hilaire ao tomar nota de informações fornecidas por um coronel que estava indo de Goiás para o Rio de Janeiro. Segundo esse informante, o que concorre para o “empobrecimento da província é o desprezo com que são encarados os laços de família. Os casamentos são raros e sempre ridicularizados, sem dúvida um conceito que se originou da imoralidade dos primitivos colonos”²⁴.

Procedendo-se a uma leitura mais atenta, podemos constatar que esta observação presente na maioria dos relatos desses viajantes, pode ser resultante não apenas da visão eurocêntrica dos viajantes, mas dos frequentes queixumes de seus interlocutores. Na citação abaixo, por exemplo, Emanuel Pohl também chama a atenção para esta situação.

Queixam-se aqui, de todos os lados, da pobreza, mas ao observador é custoso crer que ela fosse menor no auge da produção de ouro. De certo,

22 SAINT HILAIRE, August de. Viagem à Província de Goiás. Op. cit., p. 99.

23 SAINT HILAIRE, August de. Viagem à Província de Goiás. Op. cit., p. 99.

24 Idem, p. 125.

então, não era maior o luxo dos vestuários. Pode-se melhor constatar tal coisa aos domingos e dias santificados, quando todos exibem o que de mais poderoso têm. [...] A alimentação ainda é a mesma daquele tempo: feijão, toucinho, legumes, carne seca, raramente fresca, galinha, arroz, açúcar de cana²⁵.

O que se pode inferir desse e de outros comentários dos viajantes é que a ideia de decadência estava sempre presente na fala dos próprios moradores, num eterno saudosismo de uma época de opulência, que na verdade não representou uma riqueza generalizada que tenha beneficiado a todos. Ao contrário, foi uma riqueza fugaz e que, com a proibição da Coroa de que os colonos se dedicassem a outras atividades que não a mineradora, contribuiu ainda mais para a não formação de uma economia sólida baseada, por exemplo, na atividade agropecuária.

Outro elemento que reforça a ideia de que o século XVIII teria sido o século de riqueza e o XIX, o de decadência, é o discurso constante nos relatórios dos presidentes da província. A historiadora Ledonias Franco Garcia (2010), que se dedicou a analisar em profundidade esses relatórios, destaca que,

As dificuldades em administrar e fiscalizar as rendas da Província constituíram um grande embaraço. Os presidentes foram unânimes em relatar a falta de pessoas 'habilitadas, probas e idôneas' para essas funções. As rendas diminutas nos cofres jamais foram suficientes para a execução de obras públicas das quais a Província tanto carecia. [...] Estradas intransitáveis e com traçados inconvenientes, falta de pontes ou pontes aos pedaços, escolas e professores com desempenho negativos, hospital e igrejas em estado precário, falta de cemitério, impossibilidade de adquirir escravos foram itens que apareceram associados à falta de dinheiro, e, por sua vez, ao isolamento, que, em última instância, estava diretamente ligado à extensão do território da Província²⁶.

Essa visão de que a província se encontrava em situação de pobreza e penúria era uma constante, reiterada em todos os relatórios dos presidentes, e provavelmente, por ocasião da passagem dos viajantes pela província, essa ideia era passada diretamente em conversas informais²⁷, bem como por meio de escritos oficiais.

Por exemplo, na ocasião de sua ida à Vila Boa (Cidade de Goiás), Pohl teve acesso e utilizou-se dos escritos de Silva e Souza, os quais, sabemos, são impregnados de adjetivos depreciativos que reforçavam a imagem de decadência. Com base nesses

25 POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao Interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: USP, 1976, p. 145.

26 GARCIA, Ledonias Franco. *Goyaz: uma província do sertão*. Goiânia: Cãnone, 2010.

27 Tanto Saint Hilaire quanto Pohl tomavam notas em seus diários das conversas travadas com os moradores, bem como com autoridades, como o governador da Província de Goiás na época, Fernando Delgado Freire de Castilho. Foi também por esta ocasião que Pohl se encontrou com o Padre Luís Antônio da Silva e Souza e teve acesso aos seus manuscritos.

escritos, assim se expressa Pohl²⁸: “[...] tive a especial colaboração do digno vigário-geral da Prelatura, Padre Luís Antônio da Silva e Souza. Para tal fim confiou-me ele um manuscrito, que usei com todo o cuidado”. Nesse manuscrito, o qual o viajante diz ter usado como referência e subsídio na elaboração de seu relato sobre Goiás, podemos verificar que, logo na primeira página de seu livro publicado posteriormente, Souza²⁹ sentencia que a Província de Goiás é “... a que menos tem aproveitado a sua situação vantajosa, e que tendo as melhores proporções para se engrandecer e felicitar os seus colonos, correu em menos de um século do esplendor do seu princípio para a crise da decadência”. O autor acrescenta ainda que isso ocorre, provavelmente, pelo motivo de os moradores se encontrarem entregues à ociosidade.

Diante desses fatos, deve-se questionar qual era o objetivo principal para a propalação de tanta negatividade quanto à situação da província, por parte dos presidentes da província e de boa parcela dos moradores? Acreditamos que essa ocorrência podia estar relacionada, dentre outras possibilidades, à tentativa de chamar a atenção do poder central do império para maiores investimentos em prol do desenvolvimento da mesma. É bom lembrar que um dos pontos mais destacados nesse rol de problemas era a questão da deficiência dos meios de transportes, com ênfase na defesa da melhoria das condições de navegação dos rios, que segundo eles, seria a solução mais viável para essa província central.

Voltando ao viajante austríaco Emanuel Pohl, é possível perceber também que em sua narrativa são bastante numerosas as descrições positivas sobre a Província de Goiás. Em seu percurso, ao chegar a uma propriedade rural, denominada de Engenho São Sebastião, fica encantado com a produção e prosperidade do lugar. A citação abaixo demonstra que nem tudo era escassez, pobreza e decadência, ao contrário, mostra certa fartura, esmero e dedicação, características contrárias à tão propalada preguiça dos goianos.

Ali chegamos tão extenuados pelo calor sufocante [era mês de dezembro], que uma bandeja com frutas e legumes que uma negra me ofereceu, em nome da proprietária, me foi um presente tão apreciado como jamais julgava ter recebido em minha vida. Mais tarde apareceu o dono da casa, Capitão Pasqualho e, com um prato de uvas na mão, deu-me as boas vindas. Fiquei sabendo, depois, que além de homem hospitaleiro, era um dos mais esforçados agricultores da região³⁰.

Pohl continua descrevendo o engenho, encantado sobre o processo de elaboração da carne seca e sobre cultivo e beneficiamento do milho, da cana de açúcar e da

28 POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao Interior do Brasil*. Op. cit., p. 121.

29 SOUZA, Luiz Antônio da Silva e. *O Descobrimento da Capitania de Goyaz: Governo, População e coisas mais notáveis*. Goiânia: UFG, 1967, p. 71-72.

30 POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao Interior do Brasil*. Op. cit., p. 110.

mandioca. O viajante cita ainda que encontrou uma variedade de legumes e frutas, como, por exemplo: couve, alface, pepinos, cebola, aipo, salsa, pimentas, ananás, bananas, laranjas, limões, uvas, rícino, macela, cará, etc. E conclui:

Despedi-me do capitão no dia seguinte, por volta do meio dia, e notei com prazer que o seu cuidado em desenvolver tudo o que é útil se estendia também para além de sua morada. Um ponte de madeira bem construída sobre o riacho vizinho e uma larga estrada que levava a Santa Luzia sobre a Serra limítrofe, eram, ambas obras suas e provavam o seu interesse pela região³¹.

Do mesmo modo, sua estadia em Santa Luzia (atual cidade de Luziânia) por ocasião das festas de Natal, foi muito elogiada. Pohl afirma que a recepção que teve nesse arraial excedeu a todas as suas previsões, sendo surpreendido com excesso de atenção pelos moradores e principalmente pelo Vigário João Teixeira Alves. Suas considerações sobre este arraial são as melhores possíveis, e segundo ele, “Os moradores de Santa Luzia vivem em parte de suas plantações, um pouco da criação do gado e do comércio, e principalmente de uma famosa marmelada que vai até a cidade do Rio de Janeiro”³².

A produção de marmelada, à qual Pohl se refere é uma atividade que prospera até os dias atuais, sendo parte importante da economia desse município. Além da marmelada, ele chama a atenção também para a produção de uma espécie de queijo seco de fabricação local que tem reputação nacional. Saindo do arraial escreve: “Confesso não ter sido sem lágrimas que me despedi do digno sacerdote, cuja bondade tornara tão agradável minha estada em Santa Luzia”³³.

Outra referência encontrada nas páginas do mesmo autor que pode servir de contraponto a essa visão de que os viajantes europeus só viram e descreveram aspectos negativos sobre a província no século XIX, são suas palavras otimistas sobre o arraial de Corumbá. Quando de sua passagem por esse arraial, embora Pohl reclame que não tenha encontrado milho para seus animais, em seguida justifica que essa carência do produto foi devido à passagem do novo governador do Mato Grosso com sua comitiva, que ficaram no arraial por três meses a espera da estiagem para seguirem viagem. Nesse sentido, podemos ressaltar que mesmo que os moradores quisessem, não seria aconselhável dedicarem-se a uma grande produção, pois produzir para abastecer a população local seria o sensato e certamente se houvesse um grande excedente, este seria perdido por falta de mercado devido às longas distâncias, a falta de estradas e meios de transporte. Desse modo, como condenar os moradores por falta de excedentes

31 *Idem*, p.111.

32 *Ibidem*, p. 113.

33 *Ibidem*, p. 114.

para viajantes incertos?

Pohl reforça que “[...] os habitantes, na sua maioria, negros livres e mulatos, dedicam-se à confecção de tecidos grosseiros de algodão, ao cultivo do tabaco e à criação de porcos”, e ainda em Corumbá, ao se alojar em uma casa pertencente ao capelão local, que ao visitá-lo, “[...] muito se queixou da pobreza dos habitantes”³⁴.

Destarte, percebe-se, então, que essa era a tônica das conversas entre os viajantes europeus e as pessoas mais influentes das localidades por onde passavam: tanto administradores, clérigos, comerciantes e proprietários rurais reclamavam constantemente da situação de penúria em que se encontravam, com saudosismo de sua condição anterior, a época do fausto do ouro. É também na passagem por Meia Ponte, que Pohl, em consonância com Saint Hilaire, narra uma situação bem contrária à ideia de atraso ou ruína.

Os habitantes viviam outrora de suas rendosas lavras de ouro, agora têm a fama de experimentados cultivadores de milho, mandioca, fumo, cana de açúcar, café e algodão (de que aqui também fazem chapéus). Plantam também trigo, que produz bem. Além disso, fazem considerável comércio, favorecido pela situação da cidade no ponto de junção das estradas que conduzem a Goiás, Mato Grosso, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais³⁵.

Por ocasião de sua passagem pelo arraial de Jaraguá em janeiro de 1819, o viajante ressalta que “[...] graças à amabilidade do Comandante, tive, na casa de um mulato, um aposento bastante cômodo e novamente reuniu-se a mim a vanguarda extraviada de minha caravana, alcançada por um mensageiro que eu expedira”³⁶. E lamenta que por ter tomado um caminho diferente, não pode ter a chance de passar pelo afamado Engenho São Joaquim, sendo que para seu encarregado da tropa, “[...] não fora de modo algum desagradável o equívoco, pois ele pretendia seguir o outro caminho para Vila Boa e nada me disse e, no engenho do comandante de Meia Ponte, foi agasalhado com tudo o que estava preparado para mim”³⁷. Ainda sobre sua estada em Jaraguá, onde os moradores ganhavam o seu sustento com a criação de gado e o cultivo dos tradicionais *frutos da terra*, o autor demonstra satisfação com a recepção e tratamento recebidos.

Nem nós, nem os nossos animais sofremos aqui por falta de alimentos; e, na minha sala, separada do quarto de dormir por uma cortina adornada

34 POHL, Johann Emanuel. Viagem ao Interior do Brasil. Op. cit., p. 116.

35 POHL, Johann Emanuel. Viagem ao Interior do Brasil. Op. cit., p. 117.

36 Idem, p. 118.

37 Ibidem, p. 118.

de grã, havia cadeiras, mesa, etc. As almofadas da cama eram bordadas de flores e guarnecidas de largas rendas. Eu comia com talheres de prata, bebia em copo de prata e sobre a mesa ardiam velas de cera em castiçais do mesmo metal³⁸.

Ao chegar a Vila Boa, Pohl afirma que foi muito bem recebido pelo Governador Fernando Delgado Freire de Castilho, sendo instalado em uma ótima casa e que todos os dias fazia as refeições com esse governador.

Com referência às condições dos pousos, é comum encontrarmos reclamações por parte da maioria dos viajantes europeus que passaram pela província de Goiás, mas há também bastante elogio e compreensão pela situação de carência material dos moradores. Sobre a situação dos ranchos, é possível perceber que não se diferenciavam muito dos de outras regiões por onde os viajantes já haviam passado, como evidenciado no seguinte trecho descrito por Saint Hilaire, ao entrar na Província de Goiás. “Diante da casa há um rancho bastante amplo e aberto de todos os lados, como os que se encontram na estada do Rio de Janeiro e Minas. É aí que os viajantes e tropeiros se abrigam³⁹”.

Na sequência de sua viagem, em passagem pelo sítio denominado Garapa, em 1º de junho de 1819, Saint Hilaire informa que, embora o proprietário tenha ido ao Arraial de Santa Luzia para a festa de Pentecostes, ele foi muito bem recebido por sua mulher, que lhe cedeu o próprio quarto para se instalar. Quando da chegada do marido, tendo o encontrado em seus aposentos, não repreendeu a esposa, ao contrário, teria sido muito amável. O mesmo teria ocorrido em Santa Luzia, onde também recebeu ótima hospitalidade por parte do vigário João Teixeira Alvarez, “homem culto, bondoso e amável, o qual possuía uma biblioteca com várias centenas de livros”⁴⁰. E também nas proximidades do arraial de Jaraguá, onde “Instalei-me num rancho espaçoso e bem cuidado [...]. Era todo cercado por paus dispostos bem juntos uns dos outros, os quais, embora não chegassem até o teto, serviam perfeitamente para proteger nossos objetos dos ataques dos porcos”; e no Sítio da Laje, “que era habitada unicamente por mulheres. A dona da casa não se escondeu à minha chegada. Pelo contrário, recebeu-me muito bem e conversou comigo longamente”⁴¹. Desse excerto pode-se depreender que uma das ideias mais explorada nos relatos dos viajantes, a de que as mulheres se escondiam quando o viajante chegava, nem sempre procede.

E assim se sucedem suas descrições das boas acolhidas entremeadas com pousos com problemas de pouca hospitalidade e em condições insalubres, geralmente com ataque de pulgas e baratas, situações encontradas não só na província de Goiás, mas

38 Ibidem, p. 118.

39 SAINT HILAIRE, August de. Viagem à Província de Goiás. Op. cit., p. 21.

40 Idem, p. 23-24.

41 Ibidem, p. 46.

também em outras por onde esses viajantes passaram. O que os favoreciam muito, eram as cartas de recomendação que traziam com eles, geralmente escritas por uma autoridade do governo, como no seguinte relato: “Ao chegar ao arraial, ou melhor, ao lugarejo de Pilões, apresentei ao comandante da guarnição ali acantonada uma carta que o governador me tinha dado. Ele me recebeu muito bem e me arranhou uma pequena casa bastante confortável”⁴². Mas reclama que no arraial de Santa Cruz, mesmo com carta de recomendação, a casa que conseguiu, apesar de ampla e confortável, por ter ficado desabitada por muito tempo, “se tinha transformado num repositório de pulgas e bichos-de-pé”.

Assim, podemos perceber que entre o encantamento com a natureza, o estranhamento dos costumes e as agruras das viagens, os viajantes europeus têm importante contribuição na construção do conhecimento sobre esse período da história de Goiás e do Brasil.

Considerações Finais

Voltando à questão problematizada no início deste texto - de que o imaginário da decadência tão propalado sobre Goiás no século XIX tenha sido atribuído prioritariamente aos relatos preconceituosos dos viajantes europeus - demonstramos que por mais de uma vez aparece em seus textos a evidência de que essa ideia de decadência não foi uma criação desses viajantes, pois ela já estava presente na mentalidade e nos discursos dos próprios moradores na época de sua passagem por Goiás, como foi demonstrado.

Do mesmo modo, no que se refere aos presidentes da província, são conhecidos em seus relatórios, os discursos ressaltando preferencialmente os seus aspectos negativos. A explicação para tanta reclamação e negatividade por parte dos administradores talvez se explique pelo fato de que, ao desfilar esse rosário de problemas e deficiências da província, visavam chamar a atenção do poder central por auxílio ou mesmo para justificar a parca arrecadação da província e a consequente falta de investimentos em infraestrutura.

Podemos afirmar que o século XIX representou, sem dúvida, o século do esgotamento das minas da Província de Goiás, do modo como eram exploradas, com técnicas rudimentares, mas nem por isso, pode ser visto como o século da decadência de Goiás. Pois, ao mesmo tempo em que as minas se esgotavam, outras atividades iam se firmando nesse território, como a pecuária, cujo produto não carecia necessariamente de meios de transportes ou boas estradas.

42 Ibidem, p. 79.

Com visto, mesmo que a Província de Goiás no século XIX não fosse mais o território das minas de onde se retiravam toneladas de ouro como se fez no século XVIII, outras formas de economia e de sociabilidades estavam se desenvolvendo em seu lugar. Foi, por exemplo, naquele século, que surgiu uma imprensa na província, *A Matutina Meiapontense*, periódico fundado no arraial de Meia Ponte em 1830.

Portanto, atribuir, sem questionamento, o peso do estigma da tão falada decadência de Goiás no século XIX aos viajantes estrangeiros, é proceder a uma leitura parcial de seus relatos e a aceitação de uma visão limitada que não considera a pluralidade de documentos que “falam” sobre o período. Como demonstrado, esses viajantes viram e descreveram também sobre muitas questões positivas relativas à província e aos moradores. Enfim, eles se pautaram tanto no que viram - mesmo que seja com uma visão eurocêntrica - como em informações dos moradores por onde passavam, mas, principalmente, nos diálogos com autoridades e nos manuscritos de Silva e Souza. Embora em seus escritos sejam encontrados dados depreciativos sobre a província de Goiás, há também muitas passagens, como as citadas ao longo desta análise, em que a gente, a natureza, e a província são descritas com muitas características positivas e com inúmeros elogios. Assim, o estigma do conceito de decadência para a Província de Goiás no século XIX não pode ser atribuído prioritariamente a eles, pois suas narrativas refletem muito do que lhes foram relatado tanto por moradores quanto por autoridades locais. É importante que se analise a historicidade de sua construção e a partir de uma releitura dos documentos e da historiografia goiana, se busque desconstruí-lo, pois os discursos precisam ser analisados com cuidado e crítica, observando os diversos contextos históricos e suas condições de produção.

Recebido em 20 de julho de 2017.

Aprovado em 10 de julho de 2018.